

DERMATITE ATÓPICA A PARTIR DO VIÉS GENÉTICO: REVISÃO DE LITERATURA

Kaylane Vitória Nascimento Ferreira de Lima^{1*}, Remy Lima de Carvalho Filho², Anny Gabrielly de Brito Martins³ e Helder Luís Chaves Dias⁴.

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA – São Luís/MA – Brasil – *Contato: Vitoriakaylane553@gmail.com

² Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA – São Luís/MA – Brasil

³ Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA – São Luís/MA – Brasil

⁴Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA – São Luís/MA – Brasil

INTRODUÇÃO

Sendo a pele o maior órgão do organismo, fica determinado que é ela quem demarca formas, dá características às raças e garante o recobrimento piloso, além de funcionar como uma barreira anátomo-fisiológica entre o ambiente externo e o organismo, sendo assim indispensável para a sobrevivência, tendo em vista que a mesma oferece proteção contra perigos químicos, físicos e microbiológicos, possuindo também componentes sensoriais que são qualificados para a detecção de calor, frio, dor, prurido, pressão e toque, possuindo também atuação na termorregulação (Scott et al, 1996; Feitosa, 2014; Pinho et al., 2015).

Segundo Rodhes e Werner (2014), a dermatite atópica é a segunda dermatite alérgica que mais acomete os cães, ocorrendo em cerca de 3 a 15% da espécie. Ademais, pode ser determinada como uma enfermidade cutânea inflamatória em cães com predisposição genética, devido a uma resposta de hipersensibilidade excessiva a antígenos inalados ou absorvidos de maneira cutânea (HNILICA, 2012; OLIVERY et al., 2010). A sua fisiopatologia está ligada a mutações genéticas que causam distúrbios na função da barreira tegumentar (HOMEY, 2006), esta definição foi dada através de estudos recentes que indicam a relação direta de alterações envolvendo a barreira cutânea na manifestação da doença (MEDEIROS, 2017).

Embora classificada como uma doença inflamatória crônica, é relevante ressaltar que esta enfermidade não possui sinais clínicos específicos que possibilitam um diagnóstico preciso no momento da consulta (MEDEIROS, 2017). Algumas lesões constantemente observadas em cães com dermatite atópica são eritema, erupções maculares, alopecia autoinduzida, escoriações, hiperpigmentação e liquenificação. Manifestam-se também complicações secundárias, em decorrência das lesões, como malasseziose e infecções bacterianas, caracterizadas pela piodermites (MEDEIROS, 2017). A dermatite atópica canina (DAC) afeta animais com predisposição genética, sendo relacionada com a produção de anticorpos Imunoglobulina E (IgE) contra alérgenos ambientais (TEIXEIRA; GOMES; TREVISAN, 2018). Apesar de algumas raças possuírem essa predisposição genética para DAC, tais como: chihuahua, yorkshire terrier, shar pei chinês, lhasa apso, shih-tzu, fox terrier de pelo duro, dálmata, pug, golden retriever, labrador retriever, cocker spaniel, beagle, poodle e schnauzer miniatura, essa doença também pode acometer cães sem raça definida (SRD) (FERNANDES; SALZO; FERNANDES, 2021). Estudos realizados a partir de 2001 relatam que a DAC não apresenta influência do sexo (MEDEIROS, 2017).

A DAC está entre as dermatopatias de origem alérgicas mais comuns, sendo que em cães é a segunda colocada quanto a sua frequência (SILVA et al., 2009), em contrapartida, a procura por médicos veterinários dermatologistas se dá pela principal manifestação clínica, que é o prurido,

resultando em uma representação de 25 a 30% do total de consultas veterinárias.

METODOLOGIA

O estudo consiste em uma revisão bibliográfica exploratória e descritiva, realizada a partir de artigos das bases de dados da *Web of Science*, Periódicos Capes e Google Acadêmico, durante o período de março e abril de 2023. Para a ideação deste estudo, foram englobados critérios de inclusão – relação do resumo com o tema proposto, relevância, clareza e ano de publicação de 1995 a 2022 – e critérios de exclusão – não haver acesso ao texto completo do objeto da pesquisa. Utilizaram-se como palavras-chave para a pesquisa: “dermatite”, “genetic aspects” e “canino”.

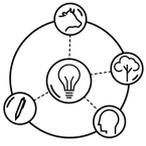
RESUMO DE TEMA

A dermatite atópica é uma doença multifatorial e pouco compreendida em cães. Alguns anos atrás, a visão tradicional da patogênese da dermatite atópica (DA) concentrava-se em explicá-la como uma resposta imune anormal à alérgenos inofensivos que afetam a função da barreira tegumentar e produzindo uma resposta imune antimicrobiana relacionada à hipersensibilidade tipo I, que causa hiper-reatividade cutânea, ocasionando um aumento da imunoglobulina E (IgE), específica de alérgenos, devido a alterações genéticas no sistema imunológico.

Ademais, alérgenos como mofo, pólen, ácaros da poeira doméstica, alérgenos epiteliais e demais alérgenos do ambiente estão diretamente ligados à DA, que tem como principal entrada a via epidérmica, que além de contribuir para o escore clínico e persistência de prurido e lesões em cães com dermatite atópica. Além dessa via, os alérgenos também podem ser absorvidos pela mucosa respiratória e intestinal, causando sensibilização das células apresentadoras de antígenos.

Uma maior ocorrência dessa doença foi observada em cães de raça pura e, embora existam algumas diferenças geográficas sutis na suscetibilidade da raça, grande parte dos estudos concorda que West Highland White Terrier, Labrador Retriever, Golden Retriever, Boxer, Bulldog Francês, Pastor Alemão Caninos e Cocker Spaniels são as raças mais comumente afetadas. Notavelmente, cães de raças mistas são significativamente menos afetados, o que é evidência direta de suscetibilidade genética.

A maioria dos cães desenvolve sinais de dermatite atópica antes dos três anos de idade. Cães com idade inferior a um ano e superior a seis anos são mais propensos à DA induzida por alimentos em comparação com cães com DA relacionada à alérgenos ambientais. Neste tipo de dermatite, é mais comum a ocorrência de piodermite secundária, dermatite por Malassezia e otite externa, além de lesões cutâneas secundárias



autolesivas, escoriações, alopecia, escamas, crostas, pigmentação, dermatite, conjuntivite, hiperidrose e, raramente, bronquite ou rinite alérgica.

O diagnóstico dessa doença se baseia na resenha, histórico, casos clínicos e exames complementares que eliminam outras possíveis patologias dérmicas. O raspado de pele é realizado para excluir outras patologias dérmicas pruriginosas, como a sarna sarcóptica, assim como testes alérgicos intradérmicos e sorológicos, nos quais é possível observar reações positivas. A dermatite atópica não tem cura, sendo necessário o tratamento regular durante a vida do animal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dermatite atópica canina (DAC) é uma doença com grande incidência, acometendo cerca de 3 a 15% dos cães, podendo ser classificada como a segunda dermatite que mais acomete essa espécie. Sua principal via de entrada é através da pele – maior órgão do organismo – e acomete principalmente cães com predisposição genética.

Cabe ressaltar que o fato de a DAC não possuir sinais clínicos específicos, ocasiona uma maior dificuldade e morosidade para a obtenção de um diagnóstico imediato da doença, sendo muitas vezes necessário realizar exames adicionais, visando eliminar a possibilidade de outras doenças. Assim sendo, por ser uma doença que não tem cura, é importante ressaltar a necessidade do diagnóstico célere e do tratamento correto e regular, visando garantir qualidade de vida para o animal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FEITOSA, F.L.F. *Semiologia veterinária: A arte do diagnóstico*. Grupo Gen-Editora Roca Ltda., São Paulo, 2014.
2. FERNANDES, A. C. A.; SALZO, P. S.; FERNANDES, B. P. Avaliação do padrão lesional de cães das raças lhasa apso, yorkshire terrier, shih-tzu e pug acometidos por dermatite atópica. *Revista mv&z*, v.19, n.1, 2021.
3. HNILICA, K. A. *Dermatologia de pequenos animais: atlas colorido e guia terapêutico*. 3. ed, São Paulo, 2012.
4. MEDEIROS, V. B. Dermatite atópica canina. *Journal Of Surgical And Clinical Research*, Rio Grande do Norte, v. 8, n. 1, 2017.
5. MENDONÇA, K. M. *Abordagem da dermatite atópica canina*. Goiás, 2021.
6. OLIVERY, T. et al. Tratamento da dermatite atópica canina: para a prática clínica do grupo de trabalho internacional dedicado ao estudo da dermatite atópica canina International.
7. PINHO, R.M., Monzón, M.F., Simões, J. *Dermatologia veterinária em animais de companhia*. 2015.
8. SCOTT, D.W., MULLER, G.H., KIRK, R.W. *Dermatologia dos pequenos animais*. Interlivros, Rio de Janeiro, 1996.